



A história do cinema no município de Itajaí/SC¹

Juliana LINSMEIER²

Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI, Itajaí/SC

Rafael Jose BONA³

Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI, Itajaí/SC

Universidade Regional de Blumenau, FURB, Blumenau/SC

Resumo

Os filmes exibidos nas grandes salas de cinema encantaram por muitos anos pessoas das mais diversas idades. O cinema sempre exerceu forte influência na vida cultural das pessoas. Em determinadas épocas ele era um dos poucos divertimentos da sociedade. Com a chegada da televisão essa realidade começou a mudar e parte dessa história ficou esquecida no tempo. Em boa parte das cidades catarinenses, não muito diferente da realidade brasileira, pouco se sabe sobre a história de seus cinemas locais. Esta pesquisa teve como objetivo registrar a história do cinema da cidade de Itajaí/SC. Partiu-se para a pesquisa de campo no qual foram estudados e tratados documentos e depoimentos relacionados ao cinema da cidade. O resultado esperado é que se incentive a novas pesquisas sobre cinema e história em cidades catarinenses e que se crie referencial científico sobre o tema.

Palavras-chave: Cinema Catarinense; História; Itajaí; Comunicação Regional.

1 Introdução

Durante muitos anos o cinema, em várias partes do mundo, era um dos poucos meios de entretenimento das pessoas. Muitos romances, histórias e casamentos surgiram do aconchego das salas de projeções. Com a chegada da televisão em muitos lares, o cinema passou a enfrentar a queda de público. Em todo o Brasil, assim como em Santa Catarina, muitos cinemas foram fechados ou destruídos com o passar do tempo. A televisão e o vídeo cassete deram espaço para uma nova forma de se assistir aos filmes. Essa realidade já foi retratada no filme italiano *Cinema Paradiso* (1988) de Giuseppe Tornatore. O filme mostra a ascensão e a queda do cinema de uma cidade interiorana;

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Acadêmica do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí). Bolsista do Artigo 170 UNIVALI/Governo do Estado de Santa Catarina – 2009/2010.

³ Mestre em Educação (FURB), Especialista em Cinema (UTP) e Fotografia (UNIVALI), Graduado em Publicidade e Propaganda (FURB). Docente do curso de graduação em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda da UNIVALI, FURB e ASSEVIM. E-mail: bonafilm@yahoo.com.br



conta a história de pessoas que lá viveram e se emocionaram com o *Cinema Paradiso*. No final da película a personagem principal volta a entrar no Cinema, já abandonado e em decadência, no qual são mostrados cartazes de filmes eróticos (mostrando os últimos que foram exibidos no local). Ou seja, demonstrando a chegada dos filmes com apelos eróticos para atrair mais público. Algo que mexeu na cultura cinematográfica também no Brasil nos anos 1970, com a pornochanchada.

As salas de cinema da cidade Itajaí não deixaram de ser diferentes. Muitas informações e dados foram perdidos com o tempo e pouca coisa restou para se construir uma história. Sabe-se dessas informações por meio de relatos de pessoas que viveram naquela época. Porém, quase nada se encontra em bibliografias, salvo alguns raros autores como Linhares (1997).

A presente pesquisa⁴ pretende registrar a história dos cinemas⁵ por meio de entrevistas, fotografias, análise de documentos com informações que sejam relevantes para começar a construir uma história esquecida no tempo. A importância desta pesquisa se justifica pelo fato de não haver bibliografia sobre o assunto. Nas pesquisas de revisão bibliográfica foram encontrados poucos trabalhos que se referiam ao cinema catarinense e ela se torna importante por ser pioneira na região. As exibições cinematográficas em Santa Catarina se deram no início do século XX. Não há uma verdade absoluta sobre qual foi a cidade que realizou as primeiras exibições e produções de cinema em Santa Catarina. As produções pioneiras no Estado continham basicamente cenas documentais, com vistas do Vale do Itajaí e cidades próximas (KORMANN, 1996).

2 Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa se classifica como documental e bibliográfica, que, de acordo com Medeiros (2006) é aquela que se faz levantamentos de documentos e dados no qual se parte para as observações. Fez-se uso também de entrevistas que se levou a ter uma observação direta intensiva.

Esta pesquisa se dividiu em três etapas. A primeira etapa se deu com a pesquisa bibliográfica e documental, que definidas por Medeiros (2006) se trataram do

⁴ O presente artigo se refere a fragmentos de uma pesquisa do Artigo 170 – UNIVALI/Governo do Estado de Santa Catarina, 2009/2010. Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Conhecimento da linha Comunicação Regional do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIVALI.

⁵ Nesta pesquisa, quando se refere ao “cinema” quer-se dizer às salas de exibição e aos filmes feitos em película.



recolhimento de dados sobre as origens do cinema brasileiro e em Santa Catarina. As obras mais relevantes foram observadas e analisadas. A segunda foi a pesquisa de campo na qual se fez visita aos órgãos ligados à cultura do município, visita aos antigos e atuais cinemas no qual se tentou recolher documentos, jornais da época, entrevistas e textos relacionados ao tema para que em seguida se pudesse entrar na etapa final do trabalho. A terceira etapa se concentrou em fazer análise dos dados coletados e foram verificados quais os mais significativos para compor o texto do trabalho⁶.

3 O cinema em Itajaí

Itajaí é um município catarinense com aproximadamente 163.218 mil habitantes (IBGE, 2009). Conforme o sítio IBGE, Itajaí nasceu como colônia durante os conflitos do Tratado de Tordesilhas (1494). Nomes atribuídos ao início da fundação são Antonio Menezes de Vasconcelos Drummond (1820) e Agostinho Alves Ramos (1824). A instalação do município como vila é datada em 15 de junho de 1860, quando Itajaí desmembrou-se de Porto Belo. A emancipação como cidade ocorreu em 01 de maio de 1876.

Pouco se conhece sobre filmes gravados na cidade desde o surgimento do cinema. Boa parte do Vale do Itajaí chegou a conhecer o cinema pelas mãos de José Julianelli, precursor do cinema catarinense. Foi ele quem iniciou as primeiras filmagens documentais do estado. Julianelli tinha o costume de filmar cidades de toda a região do Vale do Itajaí. É dele a autoria do primeiro filme gravado na cidade de Itajaí (e considerado o primeiro filme catarinense): *Vistas de Brusque, Itajaí e arredores* (1900). Este filme causou sucesso quando exibido; posteriormente foi rebatizado com o nome *Viagem para o Egito e para o Estado de Santa Catarina* (KORMANN, 1996).

O responsável por trazer o cinema para Itajaí foi o industrial Frederico Guilherme Busch, projetista de cinema em Blumenau. A estreia do seu cinematógrafo foi dada no salão da Sociedade Estrela do Oriente, no qual havia em torno de oitenta espectadores. Segundo Linhares (1997), o espetáculo a ninguém satisfez, visto que o amplo salão ficava às escuras durante a sessão o que causou desconforto na população acostumada a

⁶ O trabalho completo se encontra arquivado na Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação, Extensão e Cultura (Proppec) da UNIVALI.



atrações com lume (chamas/fogo). Os filmes não continham enredo nem continuidade, o insucesso fez com que logo as sessões fossem suspensas.

Semanas se procederam para que os jornais da época “O Novidades”⁷ e o “O Pharol”⁸ investissem com forte apelo propagandístico a fim de atrair a população, noticiando a importância que o cinematógrafo vinha conquistando nas grandes cidades (LINHARES, 1997).

No jornal “O Pharol” do dia 13 de agosto de 1909, consta que Frederico Busch, proprietário do cinematógrafo Catharinense, ofereceu uma sessão grátis, visto que as duas últimas sessões não se sucederam por desarranjo no motor elétrico.

Segundo Linhares, mesmo com a interrupção prolongada, Busch, tendo nunca acreditado no fracasso do cinema, instalou em 1909, no edifício Guarany (Figura 01), o cinema permanente, com apresentações nas quartas-feiras e aos domingos. Ainda na mesma nota do jornal “O Pharol”, a informação de que Busch montaria o dínamo, na fábrica a vapor do Sr. F.B. Asseburg, além dos elogios às fitas exibidas e um aviso de que, por onde o fio transmissor passar, as ruas receberiam a eletricidade.

Para a construção, Busch precisou obter energia elétrica levados de seu dínamo até o edifício, por esse feito inaugurou-se o primeiro trecho da cidade iluminado do qual usufruiu do apoio do Governo Municipal para a ampliação e benefício da rede de iluminação em todo o âmbito urbano (LINHARES, 1997).

Os ensaios para esse grande propósito foram noticiados nos jornais “O Pharol” de 01 e 22 de outubro de 1909. Outro aspecto ressaltado de modo especial foi o prenúncio das novas fitas cinematográficas trazidas da capital federal por Busch e, sobretudo do quão proveitoso foi para toda a cidade o seu interesse em acomodar aos usos modernos a cidade de Itajaí. Com isso, no Natal de 1909 foram solenemente iniciados os serviços da energia elétrica (LINHARES, 1997).

⁷ Semanário fundado por Tibúrcio de Freitas em 1904, circulou até meados de 1918 ou início de 1919, sob gerência de Albano Pereira da Costa e responsabilidade de “redatores diversos”. Considerado o melhor jornal de Santa Catarina na sua época e responsável por fazer Itajaí se tornar “o espelho de sua futura imprensa, uma escola de jornalismo para a posteridade” (LINHARES, 1997).

⁸ Fundado por João Honório de Miranda em 29 de julho de 1904, com redação e oficina à Rua Lauro Müller. Considerado o jornal mais popular na sua época, tendo suas atividades encerradas em 1936, dirigidas nos últimos treze anos por Juventino Linhares.



Figura 01: Imagem do edifício da Sociedade Guarany no início do Século XX

Fonte: Fundação Genésio Miranda Lins (2009)

Antes desse feito inaugural e posterior às primeiras apresentações cinematográficas também realizadas sob a responsabilidade de Busch, uma companhia nomeada “Empresa Sociedade Anônima” circulou na Sociedade Guarany as primeiras películas que priorizavam captar feições naturais de cidades, regiões e situações dignas de serem propagadas. Benquista pelo público que se identificou com aquilo, a referida “Sociedade Anônima” passou a divulgar o quadro dos seus programas com cartazes basicamente desse modo⁹:

- 1 – Escola de Cavaleiro (natural)
- 2 – Animais Ferozes (natural)
- 3 – Filtro de Sonho (mágica)
- 4 – A Filha do Saltimbanco (dramática em 200 metros)
- 5 – Um Senhor Amável (cômica)
- 6 – Facão Árabe (dramática)
- 7 – Todos os Aeroplanos (natural)
- 8 – Sansão e Dalila (grandioso drama bíblico com 250 metros)
- 9 – Zé é o culpado (cômica)
- 10 – Segredo do Relojeiro (mágica)

⁹ Informações extraídas de LINHARES (1997)



11 – Japão em Festa (natural)

12 – Criada Relaxada (cômica)

Sua estreia foi notícia no jornal “O Pharol” do dia 29 de outubro de 1909:

No theatro Guarany, a Empreza Sociedade Anonyma extreou domingo ultimo seu aperfeiçoado aparelho, com um programma attrahente de fitas novas e interessantes, as quaes constituíram as delicias dos expectadores. Segunda-feira a Empreza, querendo dar ocasião a classe menos favorecida, annunciou um espetáculo grátis, com a repetição do programa da noite anterior. O vasto salão Guarany foi pequeno para comportar o grande numero de assistentes daquelle espetáculo. Hontem houve mais uma variada funcccão que agradou immensamente aos assistentes. Domingo haverá mais um espetáculo com programma attahende de fitas ainda não exibidas aqui. Todos ao theatro!” [sic]

Os programas daquele tempo eram de conteúdos muito parecidos, o filme primitivo que gerou agrado unânime da plateia e viva curiosidade foi *Memorial de Santa Helena*, constituído por cinco partes e apresentava a vida de Napoleão Bonaparte. A sessão teve reprises e reapareceu outras vezes mais tarde. Não há registros de quem havia trazido esse longa-metragem para a cidade (LINHARES, 1997).

Naquela época, havia o intercâmbio de fitas cinematográficas por intermédio de grandes navios a vapor, denominados paquetes, que faziam as travessias dispendendo de encomendas e correio. No dia 05 de novembro de 1909, o jornal “O Pharol” publicou a interrupção temporariamente dos espetáculos do Cinema Catharinense, nas dependências do Teatro Guarany até que as novas fitas que se aguardava de um paquete chegasse. A suspensão durou até o dia 19 de novembro de 1909, com o jornal “O Pharol” noticiando o novo quadro de filmes escolhidos:

“Banhos no mar; Vingança ciciliana; Mademoiselle Faus; A caça de abutres; Os mineiros, O cão e o caximbo; O jogador; e O armário.

A empresa resolveu d’ora em diante só dar espectaculos aos sabbados.” [sic]



Quando a energia elétrica trouxe feição noturna à Itajaí, o cinema pode enfim enraizar-se como meio de lazer e diversão à população emergente na cidade. Pouco tempo se passou e Frederico Busch transferiu sua instalação permanente na Sociedade Guarany para a direção e propriedade de Immanuel Currlin, que veio a constituir o “Cinema Ideal”. No dia 12 e 19 de maio de 1911, no jornal “O Pharol”, as primeiras publicidades do Cinema Ideal começaram a aparecer. E, em julho do mesmo ano, dia 29, o jornal “O Pharol” publicou a exibição do filme de 480 metros *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas. Também ressaltou o esplendoroso aparelho cinematográfico de Immanuel Currlin, agradecendo a cadeira permanente que o mesmo deixou à disposição do jornal “O Pharol”. Segundo Rothbarth (2009), a sociedade Guarany era um magnífico prédio, localizado na esquina da antiga Rua Guarani, hoje Dr. José Bonifácio Malburg, construído para fins de diversão, o salão era envolto de camarotes que contornavam um extenso palco, onde também se assistiam a peças teatrais, durante as projeções de Immanuel Currlin. Havia o intervalo para que as fitas fossem enroladas. Enquanto Currlin trabalhava nas emendas das fitas, no salão se ouvia a orquestra de Paulo Schieffler e vez em quando as senhoras Lúcia Currlin ou Andoeta Séara Mussi procuravam entreter a plateia com músicas ao piano, adquirido pela sociedade Guarany em 08 de setembro de 1911, conforme o jornal “O Pharol”.

Antes do surgimento do cinema sonoro, o cinema possuía sua própria orquestra, da qual também animavam as domingueiras dançantes na Sociedade Guarany (LINHARES, 1997).

Durante o mês de agosto de 1911, o Cinema Ideal usufruiu a pleno êxito a publicidade na imprensa, o jornal “O Pharol” dos dias 11, 18 e 25, traziam notícias dos espetáculos assistidos e das próximas fitas a serem apresentadas. Grandes espetáculos que desembarcavam em Itajaí passaram a integrar o cinema nas suas programações. No dia 11, consta que uma companhia de variedades chegara, no primeiro vapor do sul, para se apresentar no teatro Estrella, a empresa trazia também fitas cinematográficas.

Segundo Rothbarth (2009), o cinema fecundava em prosperidade e rumos diversos se erguiam em torno dele. No jornal “O Pharol” de 08 de setembro de 1911, a notícia de que o Grêmio 03 de Maio promoveu festividade em honra do 89º aniversário da Independência do Brasil com uma sessão cinematográfica no salão Guarany, pelo Cinema Ideal. O número de espectadores foi exorbitante, houve ainda fitas cinematográficas especiais para o público infantil e para as alunas das escolas da cidade.



No dia 02 de abril de 1921, no mesmo jornal, uma notícia foi publicada referente à regulação da disciplina eclesiástica quanto aos espetáculos públicos, primordialmente realizados em teatros. A nota compunha de que o padre pertencente à administração da igreja católica, Francisco de Assis Caruso, subscrevera ao clero provincial, pedindo com instância, que fossem advertidos os preceitos de decisão conciliar sobre matéria de fé, vedando a assistência de projeções cinematográficas, bailes e demais celebrações.

Na década de 1920, o Cinema Ideal era tido como uma casa popular que abrigava diversões, como se pronuncia o jornal “O Pharol” de 27 de janeiro de 1923.

Em meados de junho de 1923, no mesmo jornal, indícios de que o Cinema Ideal era tido com grande apreço pela imprensa de Itajaí. A notícia da respectiva data trazia a narração dos filmes, ainda mudos, projetados por Immanuel Currilin, *Honrarás tua mãe* e *Rainha de Sabá*.

Anos de ouro foram os anos que o cinema passou a fazer parte da paisagem da cidade. Na década de 1920, houve a semana cinematográfica por motivo da inauguração de mais um salão cinematográfico de empresários associados, o Cine Victoria. A semana de exibições cinematográficas, que expirou no dia 26 de setembro de 1925, conforme o jornal “O Pharol” foi extraordinariamente elogiada pelo jornal que contou aos leitores da satisfação do público que recebera a nova casa, mobiliada e erguida especialmente para se desfrutar de filmes. A mesma nota instigou o Cinema Ideal a copiar o gesto, além de referenciar o ligeiro progresso da cidade de Itajaí em comportar dois cinemas que permaneciam completamente cheios durante as sessões. Durante trinta anos o “Cinema Ideal” foi o programa dominical predileto do público, principalmente da mocidade. (LINHARES, 1997)

Conforme Rothbarth (2009), o cinema foi influente no cotidiano das pessoas de todas as idades, nas décadas 1930 e 1940, só competindo com as outras práticas culturais já estabelecidas na cidade como corridas de cavalo, as regatas no rio Itajaí-Açu e as disputas entre os clubes de futebol.

Em agosto de 1938, empresários e uma parcela preponderante da população de Itajaí fundaram uma Sociedade Anônima, O resultado dessa sociedade gerou o Cine Itajaí, o primeiro cinema fixo de Itajaí (Figura 02). Na ocasião, o filme exibido foi *Anna Karenina*. (ROTHBARTH, 1999).



Figura 02: Imagem do Cine Itajaí.

Fonte: Marlene Dalva da Silva Rothbarth (2009)

No ano de 1947, os irmãos Emílio e Osmar Gazaniga, adaptaram uma oficina mecânica e um posto de gasolina para a edificação de um Cine-Teatro, o qual foi chamado de Cine Rex, na inauguração foi exibido o filme *Escola de Sereias*. Situado na rua XV de Novembro, o salão contava com 400 lugares, também era destinado a shows, orquestras e demais apresentações. (ROTHBARTH, 1999).

Na década de 1950, com Otávio Lenzi associado aos irmãos Gazaniga, uma cena inesquecível na memória itajaiense foi a estrepitosa fila de espectadores no quarteirão das dependências do cinema, nas estreias dos filmes *O Direito de Nascer* e *Os Dez Mandamentos*. Nessa época, as salas de cinema passaram a transmitir os jornais semanais e os jogos do campeonato brasileiro. Em meados dos anos 1950, a sociedade de Otávio Lenzi com os irmãos Gazaniga foi rompida e, em um trimestre, Otávio Lenzi ergueu o Cine Luz, na Rua Manoel Vieira Garção. O espaço comportava 750 lugares, os filmes eram cedidos pelos sócios do Cine Itajaí, visto que Otávio Lenzi ainda não possuía contrato com companhias cinematográficas (ROTHBARTH, 1999).

Otávio Lenzi produzia cartazes extravagantes dos filmes que seria apresentado naquela semana e os exibia na frente do cinema, posteriormente, James Lenzi continuou a montar as artes, o Cine Rex competia com cartazes realizados por Amílcar Gazaniga, filho de Emílio Gazaniga (ROTHBARTH, 1999).



Desse tempo, a cidade de Itajaí era anfitriã de três cinemas. Cada qual oferecendo filmes de grande sucesso em âmbito nacional. A fim de atrair maior público, os cinemas passaram a criar sessões diversificadas.

A entrada dos anos 1950 foi polêmica diante da presença do filme pornográfico. Em Itajaí a notícia gerou embate chegando a abalar os valores morais daquele tempo. A população interveio e o vigário da paróquia ameaçou os proprietários das películas com a excomunhão caso o filme fosse projetado. O filme foi exibido para maiores de 18 anos, na noite de apresentação houve grande movimento de pessoas na frente do cinema buscando saber quem assistira ao espetáculo.

Filmes de caráter científico também apareceram nessa década, as sessões eram diferentes para homens e mulheres, que recebiam orientações e alertas quanto aos problemas de doenças sexualmente transmissíveis. A novidade também gerou alvoroço e foi desprezada pela sociedade.

Aos poucos, com o advento da televisão e, mais tarde, do vídeo cassete, as salas de espetáculos foram sendo tomadas pelo vazio, a população entusiasta do cinema deixou de frequentar as casas exibidoras e a decadência veio a acontecer. (ROTHBARTH, 2009).

Em última oportunidade, um supermercado da família Sandri, colocou no seu pátio um projetor a carvão e exibia filmes gratuitamente (LENZI, 2009). O Cine Victoria, todavia funcionou junto a Sociedade Estrela do Oriente, o seu fim não se deu a conhecer, sabe-se que os efeitos da crise dos anos 1930 que antecederam a Segunda Guerra Mundial tenham ambos, consumidos o Cine Victoria (ROTHBARTH, 2009).

No ano de 1980, o Cine Itajaí encerrou suas atividades, os equipamentos foram vendidos para a Sociedade Guarany que adaptou uma sala e entreteve o povo itajaiense ao projetar alguns filmes. Logo, porém, foi desativado. Nesse sentido, quando as salas começaram a ser esvaziadas, o Cine Luz também parou de funcionar e foi demolido, encerrando três décadas de existência. Posteriormente, o Cine Rex foi vendido para a Empresa Arco-Íris, do Grupo Mário Leopoldo dos Santos, que já intercambiava filmes para as demais casas de cinemas de Itajaí. O prédio passou por reformas e ali se fez duas salas, o Cine Coral e o Cine Scala (ROTHBARTH, 2009).

A demanda do público que convivia nas casas de cinema foi tornando escassa, o que forçou o fechamento dos cinemas e, atualmente, Itajaí conta apenas com um cinema, da Empresa Arco-Íris Cinemas, que funciona nas dependências do Shopping Itajaí, na Rua Samoel Heusi. As duas salas têm capacidade para 186 e 187 pessoas, respectivamente.



A cidade de Itajaí também foi berço de uma personalidade do cinema nacional brasileiro. Durante a execução desta pesquisa, foi encontrado o nome de Orlandivo Honório de Souza como ator e compositor do cinema nacional. De acordo com o sítio IMDB¹⁰ (*Internet Movie Database*), referência eletrônica mundial sobre cinema, Orlandivo nasceu em Itajaí em 05 de agosto de 1937. Atuou como ator nos filmes da pornochanchada brasileira: *Eu Transo, Ela Transa* (1972), *Como nos livrar do sacco* (1973), *As mulheres que dão certo* (1976) e *A Mulata que queria pecar* (1977), além de ter sido compositor da trilha de *Como nos livrar do sacco* (1973).

Considerações finais

Estudar a história do cinema de Itajaí permitiu o resgate de uma época em que a cidade efervescia culturalmente enquanto seu desenvolvimento se dava. A migração das grandes casas de exibições para salas ambientadas dentro de *shoppings centers* confirma a questão. Cortejos, encontros políticos, convivências familiares, enfim, as casas foram anfitriãs de um avanço social imensurável. Numa região em que a maioria das cidades encontrava-se em sintonia com as mudanças, o cinema teve papel fundamental ao desvendar tais ensaios.

Itajaí carrega uma rica memória local, em que as produções cinematográficas estão inseridas nessa memória por terem sido os meios que mais puderam desbravar na representação do universo popular das décadas passadas. É de extrema importância que a herança deixada pelo cinema a essa cidade seja guardada de modo escrito, pois a região do Vale do Itajaí vem sendo destruída a cada período por desastres ambientais e parte do seu patrimônio é perdido pelas circunstâncias, como já se avistou tantas vezes. Sabe-se que o Estado foi berço de um cenário rico no meio cinematográfico, grandes nomes de prestígio nacional são catarinenses, como Rogério Sganzerla, natural de Joaçaba (autor de *O Bandido da Luz Vermelha*, de 1968), os florianopolitanos Ody Fraga e José Henrique Nunes Pires, Sylvio Back, de Blumenau e Marcos Farias, de Campos Novos.

O desejo é que a presente pesquisa incentive a outros estudos relacionados a história da comunicação regional e que esta se torne a motivação para outros estudos sobre o cinema catarinense .

¹⁰ Disponível em www.imdb.com Acesso em 07 de março de 2010.



Referências e fontes consultadas

BONA, Rafael Jose. Do Teatro Frohsinn aos cinemas do shopping: a história do cinema em Blumenau. In.: REIS, Clóvis (Org.). **Realidade regional em comunicação: perspectivas da comunicação no Vale do Itajaí**. Blumenau: Edifurb, 2009.

FGML. Sítio da *Fundação Genésio Miranda Lins*. Disponível em www.fgml.itajai.sc.gov.br
Acessos intermediários durante o ano de 2009.

IBGE. Sítio do *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Disponível em www.ibge.gov.br
Acessos intermediários durante o ano de 2009.

IMDB. Sítio do *Internet Movie Database*. Disponível em www.imdb.com. Acessado em 07 de março de 2010.

KLOCK, Kátia. **Modernos do Sul**. Produção Contraponto: Brasil, 2004. (Documentário em DVD)

KORMANN, Edith. **Blumenau: Arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)**. Paralelo 27: Florianópolis, Vol. IV, 1996.

LENZI, Jean. Entrevistado por Juliana Linsmeier. Entrevista não publicada. 14 out 2009.

LINHARES, Juventino. **O que a memória guardou**. Itajaí: Editora da Univali, 1997.

Luis. Casa da Cultura Dide Brandão. Entrevistado por Juliana Linsmeier. Entrevista não publicada. 04 de junho de 2009.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. São Paulo: Atlas, 2006. 8. ed.

MILAN, Laine. **Vida de Cinema**. Montagem de Érica Milan, Heloisa Dutra e Laine Milan. 05 de julho de 2006. Duração 01 hora e 35 minutos. (Longa metragem em DVD).

MNEMOCINE. Sítio do *Memória e Imagem*. Disponível em www.mnemocine.com.br. Acessos intermediários durante o ano de 2009.

PIRES, José Henrique Nunes. DEPIZZOLATTI, Norberto Verani. ARAÚJO, Sandra Mara de. **O cinema em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.

ROTHBARTH, Marlene Dalva da Silva. **Anuário de Itajaí 1999**. Itajaí: FGML, 1999.

ROTHBARTH, Marlene Dalva da Silva. Entrevistada por Juliana Linsmeier. Entrevista não publicada. 27 out 2009.

SEVERINO, José Roberto. Entrevistado por Juliana Linsmeier. Entrevista não publicada. 09 de julho de 2009.